

UMA REFLEXÃO SOBRE OS MODELOS DE *CAMPI* UNIVERSITÁRIOS E A FORMAÇÃO DE ESPAÇOS COLETIVOS

CAIRES, Carla; Arquiteta; Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela UPM; Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Presbiteriana Mackenzie; São Paulo; Brasil. carla.caires@yahoo.com.br

ABASCAL, Eunice Helena; Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/USP; Docente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Presbiteriana Mackenzie; São Paulo; Brasil. eunicehab@gmail.com

RESUMO

Desde as primeiras universidades na Idade Média até os dias atuais é possível identificar vários modelos de *campi* universitários e diferentes maneiras como esses se relacionam com a cidade. O presente artigo tem como objetivo analisar as características de um *campus* urbano aberto, e suas contribuições para a requalificação do espaço urbano e a criação de uma dimensão coletiva. Para isso, será realizado um percurso histórico que posiciona, ante o papel das universidades, os modelos de *campi* universitários, enfocando como objeto de análise o Bairro Universitário de Santiago do Chile (BUS) e a Universidade Diego Portales (UDP). Procura-se enfatizar nesse objeto a relação que o conjunto de edifícios que o constitui estabelece com o espaço coletivo e suas características

arquitetônicas e urbanísticas, que permitem a articulação desse *campus* à cidade, como seu elemento requalificador. Dessa forma, é possível sugerir que as características do *campus* urbano aberto identificam um modelo indicado para a criação de espaços coletivos com qualidade. Este trabalho procura contribuir para a área de conhecimento ao elucidar a formação de espaços coletivos, especialmente na configuração de *campi* universitários integrados ao tecido da cidade.

Palavras-chave: *campus* universitário; espaço coletivo; Universidade Diego Portales

ABSTRACT

Since the first universities in the Middle Ages to the present day you can see many different campuses and different ways of relating to the city. Accordingly, this article aims to analyze the characteristics of an open urban campus, and contributions to the qualification of the same urban space, creating collective spaces. For this, there will be a history of universities, models campuses, the relationship of the university campus and the collective space and Neighborhood University of Santiago de Chile and the University Diego Portales (UDP). Thus, it is possible to observe the characteristics of the open urban campus as a possible model more suitable for the creation of collective spaces with quality. It is hoped that this work will contribute to the area in the elucidation of the formation of collective spaces primarily in setting campus more integrated with the city.

Keywords: university campus; collective spaces, University Diego Portales

RESUMEN

Desde las primeras universidades de la Edad Media hasta nuestros días se puede ver muchas universidades diferentes y distintas maneras de relacionarse con la ciudad. En consecuencia, este artículo tiene como objetivo analizar las características de un campus urbano abierto, y las contribuciones a la calificación del espacio urbano, la creación de espacios colectivos. Para ello, habrá una historia de las universidades, las universidades

modelos, la relación entre el campus universitario y el espacio colectivo y Barrio Universitario de Santiago de Chile (BUS) y la Universidad Diego Portales (UDP). Así, es posible observar las características del campus urbano abierto como un posible modelo más adecuado para la creación de espacios colectivos con calidad. Se espera que este trabajo contribuya a la zona en la elucidación de la formación de espacios colectivos principalmente en el establecimiento de campus más integrado con la ciudad.

Palabras clave: campus universitario, espacio colectivo, Universidad Diego Portales

UMA REFLEXÃO SOBRE OS MODELOS DE *CAMPI* UNIVERSITÁRIOS E A FORMAÇÃO DE ESPAÇOS COLETIVOS

INTRODUÇÃO

Do claustro ao grande *campus* universitário autônomo, as universidades passaram em sua história por diversas concepções espaciais. Essas acompanharam as mudanças da sociedade e da importância do ensino, na qual se evidencia o modelo de *campus* urbano que pode ser definido como aberto, potencializando o fluxo contínuo e a circulação e, por esse motivo, integrando-se ao tecido urbano preexistente.

Tais características do *campus* urbano aberto possibilitam, a nosso ver, a requalificação do espaço urbano através de suas propriedades espaciais, e a criação de espaços coletivos. A evolução dos *campi* universitários pode ser demonstrada por um percurso histórico que caracteriza o papel desempenhado pelas universidades e os respectivos modelos de *campi* universitários, a fim de fundamentar uma análise do Bairro Universitário de Santiago do Chile (BUS) e do *campus* da Universidade Diego Portales (UDP), a qual reúne um conjunto de edifícios destinados às unidades universitárias que ali desempenham papel de espaços educacionais. Procura-se enfatizar nesse objeto a relação que o mencionado conjunto estabelece com o espaço coletivo, e suas características arquitetônico-urbanísticas que permitem a articulação desse *campus* à cidade, como seu elemento requalificador.

O percurso histórico da configuração e papel da universidade pode ser apresentado com base nos autores: Ribeiro (2008), Neves (2009) e Pinto e Buffa (2009), e a definição de modelos de *campi* universitários se fundamentam nos trabalhos do arquiteto Adrià (2005) e Munizaga (2006).

Para conceituarmos a criação de espaços coletivos e sua relação com os *campi* universitários, foram utilizados autores como Solà-Morales (2008), Ghirardo (2002) e

Montaner (2008). Para desenvolver e explicitar as características do *campus* urbano aberto, alguns exemplos apresentados procuram exercer o papel de referências analógicas, que se configuram como referenciais para compreender intervenções contemporâneas como a da Universidade Diego Portales, no BUS. Esses exemplos são La Sorbonne em Paris (1250), a Universidade de Chile (1871-1874), a Pontifícia Universidade Católica em Santiago (1895-1913) e a Universidade de Berkeley (1868). Finalmente, foram identificadas as características dos *campi* urbanos abertos na configuração da Universidade Diego Portales, enfatizando-se qualidades arquitetônico-urbanísticas que possibilitam expressar o vínculo de seus edifícios e o meio urbano: no que se refere à criação e intensificação de novos percursos para os pedestres; permeabilidade da quadra; diálogo com o patrimônio edificado e linguagem arquitetônica; dissolução de fronteiras entre espaço público e privado; desenvolvimento de novas identidades para a área e revitalização do espaço urbano.

1. A UNIVERSIDADE E O MEIO URBANO

A origem das universidades remonta à Idade Média, e durante esse período, especialmente no início do século XII, ocorre o desenvolvimento urbano e cultural europeu. Ou seja, dá-se a criação das primeiras cidades que configuravam condições sociais completamente novas para a época. Embora ainda existisse uma grande influência religiosa no ensino (mosteiros e abadias), com o declínio do monopólio da igreja foram criadas escolas para a transmissão dos saberes, acrescidas de uma maior liberdade para os mestres que poderiam trabalhar independentes dos senhores e da igreja. Dessa forma, como defendem os autores Pinto e Buffa (2009, p. 22-23) estabeleceu-se uma nova relação entre mestres e estudantes:

A cidade é também uma outra corporação – a de mestres e estudantes – que recorrem à associação corporativa para afirmarem sua força e obter uma certa autonomia em relação aos poderes religioso e civil. Essa corporação era também chamada

universitas – ensino aberto a todos, clérigos e leigos, – ou studium – o local do estudo, uma cidade onde há mestres oferecendo instruções.

No início, os mestres encontravam os estudantes em espaços diversos adaptados para ensinar, e em muitos casos, as próprias residências dos professores eram transformadas em salas de aulas adaptadas, enquanto assembleias e cerimônias universitárias realizavam-se em igrejas. Com a expansão urbana, aumenta também a quantidade de estudantes e, por consequência, de mestres; dessa forma, vários deles passaram a lecionar nas próprias hospedarias em que estavam abrigados os alunos. Com o aumento dessas instalações, as hospedarias passaram a espaços de ensino e moradia, e assim o início do colégio medieval.

Assim vão se consolidando os primeiros edifícios das universidades, algumas criadas pela ação de mestres e alunos, tais como a Universidade de Bolonha (1088), Universidade de Paris (1170), Universidade de Oxford (1096), Universidade de Cambridge (1209), e outras, como Universidade de Coimbra (1290), provindas de iniciativa religiosa ou civil, dos mosteiros e abadias.

Em Salerno, na Itália o primeiro centro de estudos formou-se no século XI. As unidades de Bolonha e de Paris e mais tarde as de Oxford e Montpellier, constituíram-se como instituições chamadas de espontâneas, surgidas da iniciativa de corporações de discípulos e mestres, enquanto que a universidade de Coimbra surgiu em 1290 por uma iniciativa papal e real (RIBEIRO, 2008, p.52).

Com o passar do tempo, foi aumentando a necessidade de espaço para essas novas universidades, não só para salas de aula, como também para necessidades que se formavam, como bibliotecas, além de se consolidar a prática de se estabelecer em ambientes próprios e adequados para aulas e reuniões. Dessa forma, no século XV observam-se significativas mudanças estruturais e formais das universidades, que passam a construir novos espaços (tal como a construção de salas de aula em Oxford e Bolonha) ou buscar outros locais para se instalar (a exemplo da Faculdade de Medicina de Paris, que

adquiriu um palácio para ali se instalar), além de se verificar uma mudança na conduta do ensino, representada por uma elitização.

Além das hospedarias que aumentaram de número e foram integradas às universidades, verifica-se a criação de outros espaços por benfeitores, tais como os denominados *colleges*: seus principais exemplos são o Merton College de Oxford (1264) e o New College de Oxford (1379). Os *colleges* ingleses utilizavam em grande parte edifícios religiosos medievais, os quais, com seus pátios centrais, possibilitavam o crescimento da massa edificada, ainda que os espaços fossem transformados para incorporar novas funções, a fim de que os estudantes ali ficassem em sistema de internato.

Dessa forma, os *colleges* se caracterizavam como grandes edifícios inseridos na malha urbana, e não necessariamente abertos ao seu espaço coletivo. No entanto, com o aumento da dependência urbana das universidades, já no século XVI em Cambridge, no Gonville and Caius College (1557), ocorre uma mudança na disposição do pátio que passa a facear a cidade em um de seus lados – separado por um muro –, passando a configurar um pátio de três lados, aumentando dessa maneira ainda de forma tímida a relação com o espaço urbano. Por outro lado, as hospedarias que têm seu número elevado e que se denominavam na Inglaterra *halls* identificavam-se a edifícios pontualmente inseridos na malha urbana.

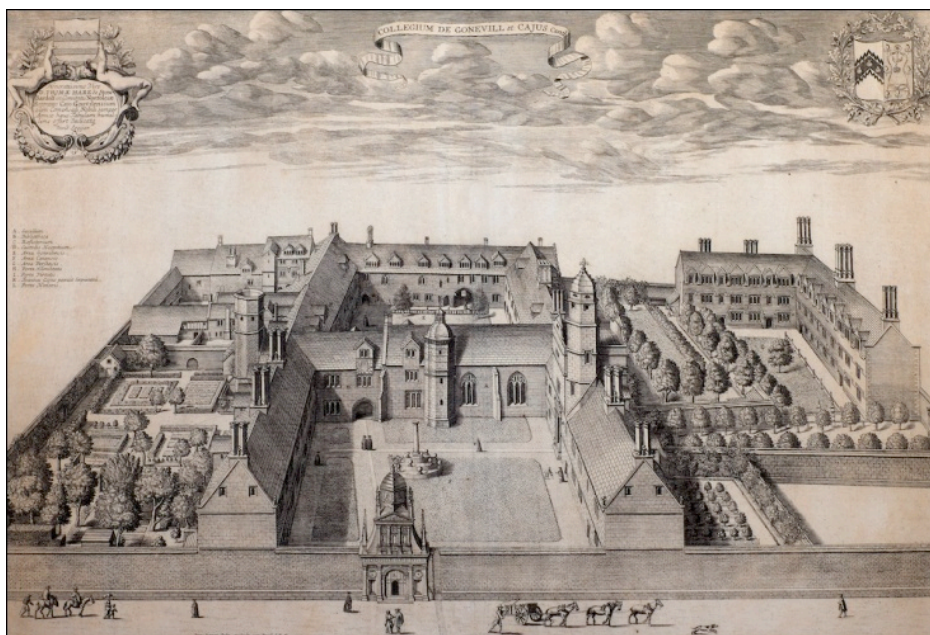


FIGURA 1 - Imagem Gonville and Caius College.

Fonte: <http://www.cai.cam.ac.uk/history> acessado em 17/07/2013.

[...] localização dos colleges e halls de Oxford... explicita com clareza essa mescla entre cidade e os diversos edifícios da Universidade. Esse não é um caso isolado; praticamente, em todos os países europeus, essa inter-relação com a cidade era comum. O território da escola definia-se por cada um dos seus edifícios e não por um sítio, isto é, uma área delimitada, fechada e apartada da cidade. As escolas se integravam na malha urbana e constituíam elementos de seu crescimento (PINTO; BUFFA, 2009, p. 34).

Uma segunda fase se inicia quando uma das colônias britânicas na América do Norte denominada Massachusetts Bay Colony, já no século XVII, estabelece a Universidade de Harvard (1636). Essa sofre a influência dos colleges ingleses, mas transforma essa ideia gerando uma nova concepção de universidade. Assim como os colleges procuravam compreender dentro de seus ambientes todas as funções necessárias para que estudantes e mestres vivessem e estudassem juntos, acrescentando dormitórios aos seus espaços, os campi universitários posteriormente conhecidos como norte-americanos também vão inserir dormitórios em seus espaços; no entanto, irão intensificar a convivência entre alunos e mestres inserindo outros usos (refeitórios e áreas de lazer) e posicionando o campus universitário fora da malha urbana.

[...] os americanos partiram da tradição criando colleges individuais, localizados separadamente, muito mais do que aglomerados numa universidade e isso intensificou a característica de autonomia de cada college como uma comunidade em si mesmo. Eles reforçam isso, ainda mais, com uma outra inovação que foi a localização dos colleges nos limites da cidade ou no campo, uma ruptura com a tradição europeia. ...Desde o início, em Harvard, no século XVII, o college americano rejeitou a tradição europeia de estruturas de claustros, em favor de edifícios separados, implantados num espaço verde aberto (PINTO; BUFFA, 2009, p. 36).

Tanto o modelo dos *campi* universitários autônomos (norte-americanos) quanto o dos edifícios isolados na malha urbana (europeus) foram incorporados em muitos países da América Latina, como podemos observar na história do *campus* universitário no Chile, país objeto de interesse, por ser o lugar em que a Universidade Diego Portales se encontra.

No Chile os primeiros edifícios universitários se configuram de maneira isolada na malha urbana; esses datam do final do século XIX, e exemplos como a Universidade do Chile (1871-1874) e a Universidade Católica do Chile (1895-1913), que estão localizadas na Avenida Bernardo O'Higgins em antigos palacetes, apresentam uma forma arquitetônica maciça e fechada que impossibilita a interlocução dos espaços do edifício com outros espaços urbanos.

No século XX, inaugura-se no Chile o primeiro *campus* universitário autônomo da América Latina, a Universidade de Concepción, datando de 1921 a construção e de 1931 o Plano regulador realizado por Karl Brunner. Esse *campus* se encontra inserido em um grande terreno delimitado fora da malha urbana. Embora busque estabelecer os diversos usos necessários para a criação de um local independente da cidade (dormitórios, refeitórios, lazer) observa-se que no caso desse *campus* e de outros na América Latina, devido à pequena quantidade de dormitórios e poucos espaços de refeição e lazer ou até a necessidade de outros usos, os *campus* não conseguiram se tornar completamente independentes da cidade como os modelos norte-americanos.

A ideia do *campus* universitário autônomo vai adquirindo densidade crítica e se intensificando na década de 1960, impulsionada pelo debate arquitetônico no pós-guerra, que frisa a importância de espaços voltados à vivência cotidiana e a valorização do centro histórico como coração da cidade. Esse debate impulsiona pensar a espacialidade não somente como a localização de departamentos necessários, mas também como criação de espaços de convívio em uma grande praça central.

Al respecto, durante los años 60 ... La idea de una universidad autónoma con grandes pretensiones de autosuficiencia funcional impulsará la creación de varios campus. En el diseño de varios de sus ejemplos toma relevancia el reconocimiento de un centro jerárquico -salvando las diferencias- muy parecido al significado

espacial de la plaza de armas en la ciudad latinoamericana, donde las gentes se reúnen y comparten resguardadas por las más altas funciones urbano-universitarias (HERNÁNDEZ, 2007, p. 129).

Nesse período, foi reformulado o *campus* universitário de Concepción (1957-1958). Tal reformulação, conforme Hernández (2007), tomou por base o conceito de universidade integrada formulado por Atcon (1966 em seu Manual sobre o Planejamento Integral do *Campus* Universitário, no qual, se defendia a criação de unidades centrais. Nesse sentido, Emilio Duhart (autor do plano) respeitou as características do antigo Plano de 1931 e caracterizou o novo plano com um espaço central, que procurava integrar a cultura e a comunidade universitária e relacionar o *campus* com o espaço da cidade, além de valorizar o tráfego de pedestre e o conceito de universidade-parque.

Nas décadas posteriores a educação superior cresceu consideravelmente. Segundo Neumann (2000, p. 61), até o ano de 1998 o número de alunos do ensino superior cresceu 65% no Chile, e as universidades duplicaram as matrículas, e dessas universidades o setor de crescimento mais dinâmico se verificou entre as universidades privadas. No entanto, as universidades privadas, contrariando a proposta de *campi* universitários autônomos, isoladas da cidade, expandiram-se abraçando o modelo de *campus* urbano.

*As universidades privadas, que tiveram uma expansão enorme nas últimas décadas, seguiram o caminho inverso, expandindo suas instalações na malha urbana, seja em grandes edifícios verticais e/ou pequenas casas próximas umas das outras, mas sempre em regiões muito bem servidas pelo sistema de transportes. Esse conjunto também é denominado *campus* (PINTO; BUFFA, 2009, p. 141).*

2. QUATRO MODELOS DE CAMPUS UNIVERSITÁRIO

O conceito de *campus* foi adquirindo significados variados ao longo do tempo. Segundo Neves (2009), podem ser apontados dois autores principais que conceituam *campus*: de um lado, Atcon (1974) definindo-o como um espaço universitário dotado de elevado grau de integração entre suas unidades obedecendo aos critérios de economia e funcionalidade. E para Cunha (apud Neves, 2008) *campus* é uma forma de territorialização da universidade que contempla a possibilidade de sua dispersão em múltiplos espaços, cujas unidades podem estar concentradas numa mesma localidade ou dispersas em várias. Com certa similaridade à conceptualização de Cunha, Munizaga (2006) conceitua *campus* como território “delimitado”, com ou sem autonomia “funcional ou espacial” em relação ao território urbano.

Segundo Adrià (2005), há quatro modelos distintos de *campus* universitário que podemos citar: cidade + universidade, *campus* universitário autônomo, *campus* urbano ou bairros universitários mistos e *campus* urbano aberto:

Históricamente los campus universitarios respondían a distintos modelos. En unos casos se trataba de Ciudad + Universidad integradas: ahí, se partía de una ciudad histórica de tamaño medio combinada con una gran universidad como principal actividad. Este es el caso de Cambridge, Salamanca, Bologna, Heidelberg o Guanajuato por solo citar algunas. En otros casos se trata de Campus Universitarios Autónomos, con unidad territorial y funcional, con todos los equipamientos necesarios. Sería el caso de Brasilia o CU de México. Otros son Campus Urbanos o Barrios universitarios mixtos, con interdependencia urbana en buena parte de su programa complementario, como residencias y zonas deportivas. Los Politécnicos de Milán o Barcelona estarían en esta categoría. Y quedan los Campus urbanos abiertos donde la universidad está dispersa en la mancha metropolitana, sin signos claros de identidad. La Sorbonne de Paris con su compleja dispersión entretrejida con otros usos urbanos, así como la Universidad de Chile y la Pontificia Universidad Católica en Santiago, siguen este modelo (ADRIÀ, 2005, p. 37).

O primeiro modelo, cidade + universidade, refere-se a uma universidade que apresente configurações formais similares àquelas das primeiras universidades medievais, como a

Universidade de Bolonha (1088), a Universidade de Cambridge (1209) e os *colleges* como o Gonville and Caius College também em Cambridge (1557), que embora inseridas na malha urbana não necessariamente se integram à vida da cidade, uma vez que não estabelecem fluxos contínuos entre si e o meio urbano.

Como pode ser observado no breve histórico traçado das universidades, esses exemplos que configuram o primeiro modelo de Adrià são universidades que ou se formaram por iniciativa de mestres e alunos, e pelo agrupamento de diversos espaços e aumento do número de hospedarias (Bolonha, Cambridge), ou então foram criadas por benfeitores nos conhecidos *colleges* ingleses (Gonville and Caius College), que costumavam utilizar antigos prédios religiosos medievais com a configuração de pátio central. Os dois exemplos buscavam agrupar em seus espaços funções tanto para salas de aula quanto dormitórios para professores e alunos, a fim de potencializar sua possível integração. Essa configuração, que com o passar do tempo ia agregando novas áreas, gerou grandes volumes inseridos na malha urbana, que embora viessem a caracterizar a identidade dessas cidades, acabavam se relacionando mais visualmente com a cidade do que possibilitando o passo contínuo em seus espaços, relacionando-os aos outros usos urbanos.

O segundo modelo denominado *campus* universitário autônomo consiste em uma grande área delimitada fora da malha urbana, e os edifícios integrantes se encontram dispersos nesse território. Essa situação configuraria os *campi* universitários conhecidos posteriormente como americanos, como o *Campus* de Massachusetts (1636) da Universidade de Harvard, os quais influenciaram grandemente diversos *campi* na América Latina, tal como o *Campus* de Concepción (1921-1931). Nesse modelo o *campus* é configurado por grandes territórios que possuem todos os equipamentos necessários para seu funcionamento, embora esse modelo completo de *campus* independente, como cidade independente, só foi realizado de fato nos Estados Unidos.

Para esse segundo modelo, Adrià (2005) menciona o *Campus* da Universidade de Brasília (UnB) (1960-1962), inserido em terreno fora dos limites urbanos. Sua concepção envolve o planejamento de grandes espaços vazios entre os edifícios, uma praça central, sendo as

áreas para serviços gerais e residências de alunos inseridas nas margens do *campus*, embora posteriormente o plano tenha sofrido algumas mudanças.

O terceiro modelo trata do *campus* urbano ou bairros universitários mistos; nesse, as universidades estão novamente inseridas na malha urbana, mas diferentemente do primeiro tipo em que configuram grandes edifícios universitários com funções independentes da cidade, o complexo edificado aproveita o espaço da cidade como seu ambiente externo e coletivo, provendo certa interdependência, na qual usos como alojamentos e espaços esportivos se localizam no espaço urbano. No caso dos *campi* dos Politécnicos de Milão (1863) e Barcelona (1971), exemplificados por Adrià, os edifícios universitários têm alguns dos seus usos não incorporados aos seus espaços internos, mas utilizam outros dispersos, que não são e nem foram criados unicamente para os usos da universidade.

Dessa maneira, o último modelo exemplificado por Adrià é o *campus* urbano aberto; nesse caso a universidade se encontra novamente inserida na malha urbana, mas dessa vez de forma claramente dispersa: sua totalidade é difícil de perceber visualmente, mesclando-se a outros edifícios da cidade. Esse tipo é exemplificado por universidades mais antigas, como La Sorbonne de Paris (1250), que até os dias atuais, ao se expandir, configura-se por vários edifícios dispersos que se misturam a outros, com diferentes usos. O mesmo se dá com *campi* mais recentes na América Latina, como os da Universidade do Chile (1871-1874) e Pontifícia Universidade Católica do Chile (1895-1913).

Tanto a Universidade do Chile quanto a Pontifícia Universidade Católica construíram palácios localizados em uma das principais avenidas históricas de Santiago, e ampliaram o seu território na região: ao sul dessa avenida se desenvolve o bairro chileno sul-poente e nele se encontra a Universidade Diego Portales, a universidade privada mais antiga inserida no bairro, que com seu primeiro plano de infraestrutura consolidado entre 2003-2005, configuram um dos principais exemplos de contribuição para a consolidação contemporânea de um *campus* urbano aberto.

Dessa forma, foi possível observar os diferentes modelos de *campus* universitário e especialmente como cada um se relaciona com o espaço urbano, devendo-se ainda aprofundar essa ligação do *campus* universitário e a criação de espaços coletivos.

3. O CAMPUS UNIVERSITÁRIO E A FORMAÇÃO DO ESPAÇO COLETIVO

Para compreender o significado do espaço coletivo, sua configuração espacial e como ele pode estar sendo potencializado ou não, nas configurações dos *campi* universitários, é necessário à compreensão do que o autor Solà-Morales (2008, p. 188) defende por espaço coletivo e a sua importância para a riqueza das cidades.

La riqueza civil y arquitectónica, urbanística y morfológica de una ciudad es la de sus espacios colectivos, la de todos los lugares donde la vida colectiva se desarrolla, se representa y se recuerda. Y, quizá, cada vez más, cada día más, éstos son espacios que no son ni públicos ni privados, sino ambas cosas a la vez. Espacios públicos absorbidos por usos particulares, o espacios privados que adquieren una utilización colectiva.

Segundo Solà-Morales (2008, p. 189), a principal tarefa dos arquitetos e urbanistas é defender a criação de espaços coletivos, que não são unicamente vazios, mas lugares que estimulam o tecido urbano multiforme, espaços incorporados pela população e não aqueles estéreis ou deixados a mercê da publicidade.

O conceito de espaço coletivo vai além dos de público e privado, e os hibridiza. Um espaço público pode se tornar coletivo à medida que é incorporado pela população, mesmo que prioritariamente destinado a atividades privadas, enquanto um espaço privado (exemplo: uma universidade privada) pode se transformar em coletivo à medida que é incorporado como espaço público pela sociedade, funcionando como elemento articulador e criador de valores.

Dessa forma, os espaços públicos possuem dois conceitos principais, um se refere ao tipo de propriedade e outro, a um espaço que seja totalmente comum do povo, ou seja, um espaço de acesso livre a todo o povo. Nesse sentido, alguns espaços que são de propriedade pública como parques e universidades, uma vez que possuem guaritas, cancelas, grades, delimitam o tempo de funcionamento e controlam, por sua vez, mesmo que parcialmente, o acesso ao local, esses não podem ser considerados espaços completamente públicos, no sentido de área comum do povo, como as ruas e praças, mesmo possuindo a característica de público durante um determinado período. Outra situação é que, além do livre acesso, o espaço público deve dar a possibilidade de área comum a todos, sejam esses de diferentes raças, classes sociais, grau de escolaridade etc.

Nesse sentido, independentemente do espaço público como propriedade, podem ser encontrados três tipos principais de espaço público como área comum, que demarcam diferentes graus de área comum a todos. O primeiro se trata do espaço completamente público, que possibilita o acesso livre a todos os grupos sociais, todo tempo, sem nenhum controle de acesso (como ruas e praças). Um segundo espaço, parcialmente público, é aquele que permite o livre acesso a todos os grupos sociais, mas durante um período determinado (parques e universidades). E uma última instância, de espaço parcialmente público, seria aquele que permite a apropriação do espaço com o uso coletivo, mas que possui certas regras de conduta que, além de determinarem um período de funcionamento, possuem um controle que inibe o acesso e alguns usos pela população do local, criando uma barreira social (igreja, edifícios universitários).

Por outro lado, os espaços privados estão fundamentalmente ligados ao tipo de propriedade e ao uso privado, ou seja, o uso individual ou de um determinado público específico do local. Espaços de propriedade privada podem ser de diversos usos, como de galerias comerciais às universidades, enquanto grupos específicos podem utilizar espaços públicos como praças, para usos privados.

Logo, para o autor Solá-Morales (2008), a expressão espaço coletivo extrapola as instâncias do público e do privado e as hibridiza buscando agregar todos os lugares nos quais a vida coletiva se desenvolve, se representa, ou se recorda, independentemente da sua

propriedade pública ou privada. Dessa forma, um espaço privado pode ser considerado um espaço coletivo, à medida que incorpora os diferentes tipos do espaço público como área comum do povo, área aberta para a apropriação da população e criação de valores sociais, enquanto o espaço público extrapola apenas as suas características físicas de abertura a todos, mas evidencia quais espaços “comuns a todo o povo” estão realmente sendo “apropriados pelo povo”, mesmo que para usos individuais.

Para compreendermos as diferentes possibilidades de criação de espaços coletivos que se relacionam com os modelos de *campi* universitários, recordaremos as principais características físicas dos modelos de *campi* na relação com o espaço urbano (aberto, fechado...), sua propriedade pública ou privada com as diferentes intenções de seus promotores na construção, e o resultado espacial, com a criação dos diferentes tipos de espaços públicos como área comum e na apropriação deles por sua população.

O primeiro modelo cidade+universidade, que, entre outras, agrega as Universidades de Bolonha (1088) e de Gonville and Caius College (1557), constitui-se em grandes edifícios fechados, introvertidos em relação ao meio urbano, que apenas possuem alguns pequenos espaços de convívio nos pátios internos, para os alunos e residentes da universidade. Como foi abordado no breve histórico, esses modelos foram constituídos por dois promotores principais, um (Bolonha) através do aumento das hospedarias de forma espontânea pelos próprios mestres e alunos, e outro dos colleges anglo-saxões (Gonville and Caius College), em um segundo momento através de benfeitores com iniciativas religiosas ou políticas. Em relação à criação de espaços coletivos como espaços públicos de uso comum, é praticamente nula a criação desses, existindo somente os pátios internos, que possuem acesso completamente restrito e são direcionadas a um público específico local, de alunos e mestres.

Dessa forma, podemos observar que o primeiro modelo cidade+universidade pouco contribui para a formação de espaços coletivos, uma vez que apresenta edifícios introvertidos em relação ao meio urbano e com poucos espaços de convivência. Já o *campus* universitário autônomo, como veremos a seguir, constituiu um avanço em busca da criação de espaços coletivos.

O segundo modelo, o de *campus* universitário autônomo, a exemplo daqueles pertencentes às Universidades de Harvard em Massachusetts (1636), de Concepción (1921-1931) e Brasília (1960-1962), trata do *campus* concebido fora da malha urbana, como uma grande área delimitada, na qual seus edifícios estão dispersos. A Universidade de Harvard teve como principal promotora a Igreja e é uma instituição privada; a Universidade de Concepción teve como promotor um comitê pró-universidade formado por intelectuais locais e também é uma instituição privada; enquanto a Universidade de Brasília teve como promotor o governo, sendo uma instituição pública federal. Em relação à criação de espaços coletivos como espaços públicos de uso comum, apresentam vários espaços livres entre os edifícios do *campus*, o que possibilita o livre acesso durante determinado período, criando espaços parcialmente públicos tipo 2. Sobretudo a partir de 1950 ocorre uma mudança de pensamento aplicada à reformulação de Concepción (1957-1958) e à criação da UnB (1960-1962), implicando espaços livres entre os edifícios e outros espaços de convívio.

Segundo Montaner (2008), com a crise do objeto moderno no período pós-guerra, reafirma-se outra concepção que incorpora a interpretação do centro cívico como o coração da cidade. Para além do racionalismo e do funcionalismo, um dos objetivos principais da arquitetura seria a criação de centros de convívio e qualificação dos vazios, a fim de criar espaços coletivos.

Desde la década de 1940 la forma de la ciudad y el diseño urbano pasaron a ser el foco principal de la teoría y la práctica de Sert, consciente de que el modelo de la máquina ya no era suficiente y de que el urbanismo moderno debía avanzar a partir de la síntesis de los modelos lógicos: la interpretación Del centro cívico o corazón de la ciudad, que adoptó la forma que hemos denominado campus y que respondería a la declarada necesidad de una nueva monumentalidad, y el desarrollo de las unidades vecinales, que trataremos más adelante (MONTANER, 2008, p. 35).

A ênfase em centros cívicos foi incorporada à criação de *campi* universitários autônomos, tais como os da Universidade de Brasília e da Universidade de Concepción (reformulação). Embora configure um avanço na relação de edifício e cidade, compreendida como criação

de espaços coletivos, esses *campi* universitários autônomos estão localizados em regiões periféricas do município, representando assim uma tentativa de utilização dessas áreas como espaços coletivos unicamente para as pessoas que circulam dentro do *campus*, contribuindo muito pouco para a dinâmica do município, além de se tratar de espaços que nem sempre são realmente apropriados pela população universitária.

O terceiro modelo *campus* urbano ou bairros universitários mistos, tais como o Politécnico de Milão (1863) e o Politécnico de Barcelona (1968), encontram-se novamente inseridos na malha urbana, mas com algumas funções dispersas em outros edifícios na cidade, o Politécnico de Milão, no início compartilhou os espaços do Museu de História Natural do Instituto de Ciências Lombard, o Jardim Botânico, entre outros edifícios para as suas atividades e continuando essas parcerias, nos primeiros anos do século XX promoveu junto com a Sociedade de Promoção de Artes e Ofícios, a criação da Escola de laboratório elétrica dos Trabalhadores, que durante o dia funciona como laboratórios da universidade e durante a noite é utilizado pelos trabalhadores. Após ampliar os seus espaços entre 1913-1927 para duas quadras próximas a sede, a Universidade Politécnica de Milão possui hoje os seus edifícios inseridos na trama urbana, com alguns edifícios compartilhados; teve como promotor o governo estatal, sendo uma instituição pública. A Politécnica de Barcelona surgiu em 1968 ao agrupar edifícios existentes de escolas técnicas de engenharia e arquitetura fundados no século XIX; com similaridade está inserida na trama urbana, em quadras próximas, com edifícios parcialmente dispersos e usos compartilhados, sendo uma instituição pública.

Em relação à criação de espaços coletivos como espaços públicos de uso comum, por ser um *campus* urbano, os edifícios se misturam com os espaços públicos da trama urbana como ruas e praças e a maioria dos edifícios é de livre acesso durante o seu funcionamento, criando espaços parcialmente públicos. Além disso, existem espaços de convívio dentro dos edifícios como pátios internos, que permitem o acesso livre e a apropriação pelo público, embora seja mais utilizado pelos usuários dos edifícios. Sua disposição aberta à trama urbana possibilita criar fluxos entre os edifícios da universidade na cidade, podendo trazer benefícios para a cidade na valorização das preexistências e da

multiplicidade de formas, tipos e espaços, mas também prejuízos quando não são respeitadas as características urbanas e da população residente, gerando poluição sonora, insegurança, sobrecarga da infraestrutura das ruas, dos estacionamentos, restaurantes, supermercados, espaços públicos etc.



FIGURA 2 — Universidade Politécnica de Milão — campus Leonardo.

Fonte: Google Earth, elaboração própria.

O quarto modelo *campus* urbano aberto engloba universidades como a Universidade La Sorbonne de Paris (1250), Universidade do Chile (1871-1874) e Pontifícia Universidade Católica do Chile (1895-1913), e assim como o *campus* urbano, abordado anteriormente, esse modelo está inserido na trama urbana, possui seus usos dispersos na trama, com certa interdependência, mas extrapola a delimitação em quadras próximas, possuindo edifícios isolados, dispersos na malha, que se mesclam aos outros edifícios existentes.

O autor Munizaga (2006), em uma pesquisa realizada em Santiago para a criação de um *Campus* Urbano Aberto no Bairro Universitário de Santiago, utiliza o termo *Campus* Urbano Aberto como conceito geral que integra os diferentes modelos de *campus* urbanos, especialmente os três últimos modelos, em sua relação aberta com a cidade, utilizando para os últimos dois modelos as expressões Bairro Universitário Aberto e *Campus* Metropolitano Integrado. Com similaridade aos modelos de Adrià, esse último modelo seria o que possui além dessa interdependência de funções, entre os usos do *campus* e os outros usos da cidade, os edifícios estão dispersos na malha urbana, muitas vezes se estendendo além de quadras inteiramente delimitadas como o *Campus* da Politécnica de Milão (1863), para edifícios dispersos em várias quadras como a Universidade pública de Berkeley nos Estados Unidos (1868).

Nesse último modelo a criação de espaços coletivos como espaços públicos de uso comum está relacionada às características do modelo três, nos fluxos entre os edifícios universitários e nos pátios internos dos edifícios. No entanto, em razão de maior dispersão dos edifícios da universidade na trama urbana, a articulação entre os espaços da universidade com os espaços urbanos e outros edifícios da cidade amplia o território com relação a uma maior área urbana.

Outro pensamento incorporado no período pós-guerra, e também válido na discussão da vitalidade urbana, foi a valorização das preexistências e sua incorporação aos projetos arquitetônicos. Segundo Ghirardo (2002), autores como Jane Jacobs, Robert Venturi e Aldo Rossi teriam sido vitais para introduzir a discussão das intervenções em áreas consolidadas.

A valorização do existente foi modificando a maneira de enxergar a cidade: ao invés de compreendê-la como um espaço único e homogêneo (moderno), a cidade passou a ser observada cada vez mais como um espaço heterogêneo, no qual a variedade visual é apreciada. Também passaram a ser valorizadas diferentes formas de se relacionar com as preexistências e a cidade consolidada, que influenciaram a concepção dos *campi* universitários, dessa vez nos modelos *campus* urbano e *campus* urbano aberto. Dessa forma, na Escola de Direito de Loyola de Frank Gehry (1981-84) é possível perceber a justaposição de volumes diversos que surgem na malha urbana, e na Freie Universität de

Berlin (1963-1979) é possível observar uma forma que interfere nas preexistências, criando espaços mais conectados e vivos.

Essas novas formas de intervenção em tecidos urbanos preexistente estão relacionadas a uma visão sistêmica, envolvendo-se com temas de complexidade e rede, de máxima integração, onde, segundo Montaner (2008, p. 11), ao se utilizar de conceitos morfológicos (intersecções, *campus*, ecotopos, amalgamas, *clusters*, *mat-buildings*, fragmentos, rizomas, redes ou nós), enfatizam-se as relações e não as características isoladas dos objetos.

Dessa forma, se compararmos o *campus* universitário autônomo, que buscava enfatizar as relações entre as pessoas e os espaços públicos na concepção de espaços centrais, e o *campus* urbano e *campus* urbano aberto, vemos que esses dois últimos modelos, por estarem inseridos na malha urbana e seus usos estarem dispersos nessa malha ao invés de unicamente em um grande edifício, podem contribuir mais para a criação de espaços coletivos nos percursos dos pedestres entre os diversos usos dos edifícios.

No *campus* urbano aberto, no entanto, por se tratar de edifícios que além de dispersos na malha urbana são edifícios mal delimitados que se mesclam com os outros edifícios existentes, podemos observar que ele pode contribuir para uma melhor qualidade na criação de espaços coletivos, no momento que se relaciona completamente com os espaços públicos, urbanos, criando novas conexões. Podendo se relacionar com as preexistências através de formas, uma vez que está aberto para elas, inseridas na malha urbana, e valorizando os percursos dos pedestres e espaços de convívio não só delimita os seus espaços interiores, mas interliga os seus espaços com a cidade.

Nesse sentido, as configurações do *campus* universitário aberto nos mostram uma maneira diferente de posicionar a universidade em relação com a cidade muito mais integrada, nos aspectos funcionais e usuais.

4. UNIVERSIDADE DIEGO PORTALES – CHILE

A Universidade Diego Portales (UDP) foi uma das primeiras universidades privadas a chegar em 1982 no bairro, hoje denominado Bairro Universitário de Santiago. Localiza-se na região sul-poente da comuna de Santiago. Quando criado, o bairro se encontrava próximo ao triângulo fundacional, na área central, e foi consolidado principalmente pela presença de residências voltadas à aristocracia chilena. Com isso, foram construídas nesse período diversas mansões que, com o posterior deslocamento dessa população para áreas mais periféricas, ficaram abandonadas e passaram por um período de grande deterioração.

Esse quadro de deterioração só começou a mudar próximo à década de 1990, quando no bairro se instalaram algumas universidades como a UDP, que viram na boa localização, boa infraestrutura e baixo valor do solo, uma oportunidade de investimento, além de incentivos do município, que paralelamente realiza nesse período a proposta de desenvolvimento para a renovação de Santiago. A qual, composta por um conjunto de instrumentos, destina-se a manter o dinamismo das atividades no centro, a deter a partida dos habitantes e atrair novos residentes.

Aos poucos o Bairro Universitário de Santiago (BUS) foi se consolidando, tanto fisicamente na quantidade de universidades quanto nas ações do município que nos anos 1990 determinou a área como Zona Típica de interesse patrimonial; em 1998 o município criou o Distrito *Campus* Universitário e somente em 2003, após pressão das universidades, enfim consolidou os limites do BUS como um *campus* urbano aberto à comunidade, inserido no tecido da cidade que interage com seus habitantes, no sentido de organizar e guiar esse setor autônomo que possui interesses privados e públicos.

Durantes esse percurso até a criação do Bairro Universitário de Santiago, é importante evidenciar que foi criado uma Corporação Universitária, que tinha como integrantes além de representantes das universidades, do município, residentes e comerciantes da região. Essa Corporação auxiliou na busca de sanar os conflitos entre os usos da universidade e os outros usos do bairro, principalmente referente a ruídos, tráfego, segurança e falta de infraestrutura para os residentes e alunos.

Um dos casos mais interessantes de melhoria urbana nesse setor nos últimos anos é o da iniciativa privada da Universidade Diego Portales (UDP). Com a expansão da demanda universitária e a necessidade de aumentar a área útil, iniciou-se em 2003 um Primeiro Plano de Infraestrutura da UDP. Esse Plano se constituiu na construção/revitalização de seis edifícios que foram construídos em dois anos (2003-2005), os quais foram projetados por arquitetos professores da UDP e se encontram dispersos na malha urbana, com interdependência de funções e mescla física com outros edifícios na trama urbana, dispersos em várias quadras do setor, e possuem características representativas do modelo *campus* urbano aberto.

Esse Plano de Infraestrutura da UDP vem contribuir para uma operação urbanística maior, em que essa universidade e outras do setor se comprometeram a realizar intervenções de melhoramento na área. Além disso, o município facilitou a ampliação das sedes universitárias flexibilizando as regulamentações das edificações tendo em vista que foram mantidos os perfis das ruas, que são relativamente baixos, e que se conservaram os edifícios de valor patrimonial. Isto permitiu que a Universidade permanecesse no bairro e descartasse a possibilidade de mudança para um *campus* suburbano (DIEZ, 2006, p. 110).

Para analisar as características do *campus* urbano aberto na Universidade Diego Portales serão enfatizadas as qualidades arquitetônico-urbanísticas que possibilitam expressar o vínculo do edifício e o meio urbano na criação de espaços coletivos, principalmente ao que se refere à articulação de espacialidades e criação de valores sociais. Na articulação de espacialidades serão analisados os itens: criação e intensificação de novos percursos para os pedestres; permeabilidade da quadra e dissolução de fronteiras entre espaço público e privado. Na criação de valores sociais serão analisados: o diálogo com o patrimônio edificado; desenvolvimento de novas identidades para a área e revitalização do espaço urbano.



Figura 3 — Implantação Edifícios universitários e edifícios 1º Plano de Infraestrutura UDP.

Fonte: Transformaciones Urbanas: Universidad Diego Portales dentro de Barrio Universitario de Santiago, 2008, p.15 - Elaboração própria.

4.1 O EDIFÍCIO COMO ARTICULADOR DE ESPAÇOS

Como edifícios dispersos na malha urbana, a maioria dos edifícios está inserida entre as ruas *Ejército* e *República*, em alguns casos, quando existe mais de um na mesma quadra, os edifícios foram interligados, configurando novos percursos de pedestre, permeabilidade de quadra e dissolução de fronteiras entre os espaços públicos e privados.

Quanto à **Criação e intensificação de novos percursos para os pedestres** nos diferentes edifícios da UDP foram criadas possibilidades de percursos para os pedestres, tanto dentro dos edifícios, de um edifício ao outro, quanto articulando os edifícios com os espaços públicos. Dentro dos edifícios existe uma articulação entre espaços fechados e abertos, criando espaços de convívio, como lanchonetes, praças internas e terraços, o que conduz a um percurso dinâmico e múltiplo. Quando existem edifícios próximos, inseridos na mesma quadra, foram criados espaços que ligam um edifício ao outro e funcionam como espaços comuns, tais como estacionamentos, bibliotecas, lanchonetes e praças. E no caso de percursos entre os edifícios e os espaços públicos, foram criadas praças internas (miolo de quadra) e aberturas que permitem o percurso de pedestres entre ruas paralelas.



Figuras 4 e 5 — Praça interna e Terraço Faculdade de Saúde UDP.

Fonte: Arquivo Pessoal, Dezembro, 2012.

Quanto à **Permeabilidade da Quadra**, em alguns casos, quando existe mais de um na mesma quadra, os edifícios foram interligados, produzindo quadras permeáveis, possíveis de ser “cortadas” através dos espaços da universidade. Além disso, esses espaços que interligam os prédios das universidades são transformados em praças públicas, nas quais o miolo de quadra passa a ser habitável e passível de formação de espaços coletivos.

Quanto à **Dissolução de fronteiras entre espaços públicos e privado**, uma das principais características é essa conexão entre as calçadas (espaço público) com as “calçadas” e praças internas a universidade; dessa forma, se mistura aquilo que é público (calçada) como conceito e aquilo que é passível de ser incorporado como espaço público, e por assim dizer, coletivo. Os caminhos internos à universidade e às praças nos miolos de quadra, mesmo estando em terreno privado (dentro da universidade), perdem as fronteiras, não possuindo obstáculo para o transeunte que pode percorrer espaços público, privado, público livremente.

Os acessos, no entanto, ficam abertos só durante o horário de funcionamento das universidades, e embora não possuam catracas que limitem o acesso de determinado público, devido à existência de recepções e guardas junto aos acessos, acabam inibindo o acesso aos espaços da universidade, gerando espaços parcialmente públicos do terceiro tipo.



Figura 6 — Imagem dos fluxos entre os edifícios da UDP.

Fonte: Elaboração própria.

4.2 O EDIFÍCIO COMO CRIADOR DE VALORES SOCIAIS

O conjunto de edifícios da UDP, por estar inserido em um bairro patrimonial, necessita articular com as preexistências, ou seja, com o valor social existente na área e gerar novos valores, isso se dá no diálogo com o patrimônio edificado, no desenvolvimento de novas identidades para a área e na revitalização de espaços urbanos que se encontravam deteriorados.

Quanto ao **Diálogo com o patrimônio edificado**, ocorre de duas maneiras principais: de um lado, vários edifícios da universidade foram construídos em terrenos que já existiam edifícios com valores patrimoniais e tiveram que lidar com esses edifícios, enquanto do outro lado, alguns edifícios novos foram inseridos em terrenos que possibilitaram criar edifícios completamente novos.

Na criação de edifícios em terrenos em que já existiam outros edifícios de interesse patrimonial, esses foram restaurados e os edifícios novos foram construídos nos miolos de quadra, ou, dependendo do valor patrimonial, foram revitalizados, sofrendo pequenas modificações internas ou na cobertura (criação de terraços e respeito ao gabarito dos outros edifícios da rua).



Figura 7 — Foto Edifício Faculdade de Saúde UDP após intervenção.

Fonte: Autoras, Dezembro 2012.

Quanto aos edifícios completamente novos, esses foram criados dialogando com os outros edifícios do entorno, no gabarito ou em outras características físicas como o ritmo e simetria; no entanto, os materiais da fachada se distinguem claramente do entorno, contrastando visualmente.

Observa-se que nas duas primeiras situações, os edifícios vistos da rua acabam mesclando os edifícios da universidade com os do entorno, enquanto a última ocorre de forma mais ambígua.



Figuras 8 e 9 — Fachada Faculdade de Economia UDP e Pátio interno da mesma faculdade.

Fonte: Autoras, Dezembro 2012.

Quanto ao **Desenvolvimento de novas identidades para a área**, observa-se que desde o primeiro edifício da UDP começou a ocorrer uma grande mudança no bairro, até que passou a configurar o Bairro Universitário de Santiago e esses novos edifícios vêm contribuir para a confirmação dessa identidade universitária. Sendo espaços potencializados pela suas diversas articulações, no momento que incorporados pela população se transformam em novos marcos referenciais e identidade visual da área.

Quanto à **Revitalização de espaços urbanos**, é importante perceber que o conjunto de edifícios da UDP, além de serem esses espaços com grandes qualidades arquitetônico-urbanísticas, como os itens anteriores explicitam, esse conjunto possibilita a revitalização

de toda uma área que vai além da área útil da UDP; ruas, praças, outros edifícios são revitalizados ao estarem ao redor e entre o conjunto de edifícios.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diversos modelos de *campus* universitário nos levam a entender como esses se modificaram juntamente com as necessidades da sociedade, e embora os *campi* universitário autônomos já buscassem a criação de espaços coletivos, de convívio, é no modelo de *campus* urbano aberto que essa chega até sua maior potencialidade.

O *campus* urbano aberto, diferente dos outros modelos, se encontra além de inserido na malha urbana, aberto para ela, mesclando-se com os outros edifícios, visualmente, fisicamente e nos seus usos. Dessa forma, vemos que o *campus* universitário aberto se configura como uma grande possibilidade de criar espaços coletivos com qualidade, tanto no sentido estético, visual, quanto nos seus usos integrados com as áreas urbanas.

No conjunto de edifícios da Universidade Diego Portales (UDP), inserida no Bairro Universitário de Santiago (BUS), foi possível encontrar materializadas diversas características físicas que não só configuram um *campus* universitário aberto, mas possibilitam a criação de espaços coletivos com qualidade, principalmente como edifícios articuladores e de criação de valores sociais.

Visualmente, os edifícios da UDP se relacionam com o entorno, ou de maneira sutil preservando os aspectos patrimoniais existentes ou criando edifícios novos que embora possuam materiais diferentes contemporâneos, respeitam o gabarito e o ritmo das fachadas do entorno.

Nos usos e percursos dos pedestres, os edifícios da UDP priorizaram diversos espaços de convívio não só para os usuários dos edifícios, quanto para os diversos pedestres que queiram atravessar o edifício e interligar ruas paralelas, através de praças que funcionam nos miolos de quadras.

Dessa forma, o conjunto da UDP vem contribuir para a discussão contemporânea da configuração de espaços privados que sejam também públicos no sentido de criar áreas comuns, e venham dessa forma ser resposta para a cidade, tanto na resposta utilitária de espaços de estudo do *campus* universitário quanto na criação de espaços coletivos.

Os efeitos que o conjunto da UDP e as outras universidades existentes na região têm gerado no Bairro Universitário de Santiago vão além das mudanças dos edifícios universitários, mas englobam os outros elementos vivos do ambiente urbano que passaram a integrar a vida e a atividade universitária. Foram realizadas algumas mudanças viárias, a fim de aumentar os espaços das calçadas de pedestre, o fluxo dos veículos, a integração entre as principais avenidas do Bairro e os metros da região, também foram criados novos comércios, como supermercados e lanchonetes, a praça principal da região foi revitalizada e tem ocorrido um grande aumento no preço imobiliário da região.

Mesmo com essas mudanças, nos edifícios universitários e nos outros elementos vivos do ambiente urbano, ainda há a predominância de residências no setor, e outras pautas continuam na discussão da Corporação Universitária, referente ao aumento da segurança no setor e aumento em infraestrutura de lazer, cultural e comercial na região, suficientes para o uso dos residentes locais, inclusive nos horários que não funcionam as faculdades, e para o enorme fluxo flutuante de estudantes e professores.

REFERÊNCIAS

ADRIÀ, M. **BUS: Barrio Universitário de Santiago. Revista 180**, Santiago do Chile, n. 15, p. 37, ago. 2005.

ATCON, R. P. **Rumo à reformulação estrutural da universidade brasileira**. Rio de Janeiro: MEC, 1966.

CHARLE, C., VERGER, J. **História das Universidades**. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

DIEZ, F. Cuando la arquitectura revive la vida urbana. **Revista Summa+**, Buenos Aires, n. 83, ago. 2011.

FÁVERO, M. de L. de A. **Universidade do Brasil: das origens à construção**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Inep, 2000. v. 1. 188 p.

GHIRARDO, D. Y. **Arquitetura contemporânea: uma história concisa**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HERNÁNDEZ, P. F. *Campus Universitarios en Chile: nuevas formas análogas a la ciudad tradicional*. **Revista Atenea**, n. 496, p. 117-144, II semestre de 2007.

MONTANER, J. M. **Sistemas arquitectónicos contemporáneos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

MUENA, V. **Transformaciones urbanas: Universidad Diego Portales dentro de Barrio Universitario de Santiago**. Proyecto de Título. Santiago: Universidad Diego Portales, 2008

MUNIZAGA, G. **Um campus urbano abierto: caracterización, estructuración urbana & gestión estratégica del barrio Universitario de Santiago**. Santiago: Universidad Diego Portales, 2006.

NEUMANN, R. A. O papel do estado e as políticas públicas na educação superior do Chile. In: BOSI, A.; RAMOS, M. N.; SILVA, A. C.; NEUMANN, R. A.; GAUGER, J.-D. **Cadernos Adenauer 6**. Universidade: Panorama e perspectivas. São Paulo: Fundação Jonrad Adenauer, agosto, 2000

NEVES, R. R. **Universidade Federal do Rio de Janeiro: território e integração**. 2009. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)—Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

PALMER, M. Los laberintos del saber. **Revista 180**. Santiago do Chile, n. 15, p. 9-10, ago. 2005.

PAVLICK, M. **Política para a recuperação de áreas centrais em cidades latino-americanas**. Estudo de casos: São Paulo, Santiago do Chile, Buenos Aires. 2010. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2010.

PINTO, G. de A.; BUFFA, E. **Arquitetura e educação: câmpus universitarios brasileiros**. São Carlos: EdUFSCar, 2009. 151 p.

RIBEIRO, A. L. **Campi universitários: desenvolvimento de suas estruturas espaciais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2008.

SOLÀ-MORALES, M. de. **De cosas urbanas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008

ULLMANN, R. A. **A universidade medieval**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. 486 p.

VERGER, J. **Homens e saber na Idade Média**. Tradução de Carlota Boto. Bauru: Edusc, 1999. 278 p.

Sites acessados:

Politécnica de Milão: <<http://www.polimi.it/en/university/organization/>>

Politécnica de Barcelona: <<http://www.upc.edu/>>

Universidade de Berkeley <<http://www.berkeley.edu/about/hist/>>

Universidade de Bolonha <<http://www.unibo.it/it>>

Universidade de Gonville and Caius College <www.cai.cam.ac.uk>

Universidade de Harvard: <<http://www.harvard.edu/history>>